

O CORTESÃO, CONFORME BALDASSARE CASTIGLIONE

Resenha da obra: CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**.

Tradução de Carlos Nilson Moulin Louzada. Revisão de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 353 p.

Por: Charles da Fonseca Lucas

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência Política/Unicamp,
com Período Sanduíche no DCS/ENSP/Fiocruz/MS¹,
sendo Bolsista SWP/CNPq/MCTI²
E-mail: charles.lucas@gmail.com

Zelando pelas suas vestes de membro da corte, Baldassare Castiglione (1478-1529) monta *O Cortesão* como um texto de origem eminentemente aristotélica e platônica, apontando para o fato de que a cortesania significa coisas distintas em diferentes momentos. Os jogos noturnos, retratados por ele através daqueles que vivenciaram esses encontros, justificam parcialmente esse enunciado. São traduções do mundo medieval dentre cavaleiros da época, realizadas exclusivamente para um determinado mundo da corte, tão específico que Castiglione frisa as particularidades, dentre as quais o fato de que na ausência do duque, a sua cônjuge e proprietária do mesmo título nobiliárquico herda, sem deixar de ser feminina, as mesmas virtudes e comanda os jogos, imprimindo sua personalidade e gênero na corte. N^a *Sociedade de Corte*³, Elias lança mão desse recurso (dupla ausência) de maneira semelhante, quando se apropria dos relatos de Saint-Simon para descrever a corte.

Nesse mundo com posições bem definidas, as tensões são deflagradas, em sua maior parte, na competição permanente entre os cortesãos, que reivindicam elogios dentre os seus pares e graças dos príncipes. No sentido grego, a graça é interpretada por Castiglione como harmonia e serenidade e bem empregada na elaboração do seu argumento de caracterização do cortesão. Por outro lado, Castiglione extrai a graça da ideia de *sprezzatura*, que, além de coligar essas noções das escolas dos antigos, também traz, na sua natureza significativa, a dignidade humana e a noção de diligência negligente, significando a negligência uma segunda natureza ou ingenuidade.

¹ Departamento de Ciências Sociais/Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fundação Oswaldo Cruz/Ministério da Saúde.

² Doutorado-Sanduíche no País/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

³ ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Tradução de Ana Maria Alves. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

A ambição neoplatônica florentina vai conciliar a graça com a *sprezzatura* a fim de ratificar uma espécie de titanismo renascentista pautado no desejo de aproximação e semelhança do homem em relação a Deus, através de tentativas que visam a tornar o homem uma espécie de semideus. De acordo com Castiglione e Pico Della Mirandola, respectivamente n' *O Cortesão* e n' *O Discurso sobre a Dignidade Humana*⁴, existe uma dupla natureza humana (compartilhamento entre o divino e o diabólico e nutrição das dimensões sadia e doentia), confinada na ideia de que cada homem recebeu uma semente que, durante a germinação, pode tomar como referencial os anjos ou os animais. Nessa regulação entre o alto (Deus) e o baixo (diabo) podemos localizar as ideias de engenho e livre-arbítrio. N' *O Príncipe*⁵, Maquiavel destoa de Castiglione, Pico Della Mirandola e dos autores renascentistas de uma forma geral ao recusar o argumento cristão (cristalizado em Deus e no diabo) e reconhecer a transmutação humana apenas no sentido animalesco (raposa, leão etc.) ou em direção ao inferno.

Essa “flexibilidade do self na literatura renascentista”⁶ foi atestada por Greene nos eixos vertical e horizontal. O primeiro presume uma formação do indivíduo a partir da superação da própria formação individual pelas constantes reedições formadoras em busca da perfeição. O homem é bom, precisa ser cultivado de baixo para cima como uma obra de arte. Essa crença, e as ideias de transformação e salvação são permutadas na linha horizontal por uma baixa flexibilidade conformada pelo manejo da virtude. A descrença na melhoria do ser humano foi praticamente dogmatizada devido à inflexibilidade incitada pela vida.

Desse modo, o homem passa a ter, no final da Idade Média e início da Renascença, a dignidade de decidir o seu destino (livre-arbítrio), optando entre Deus (o direito de ser anjo) e o diabo (o direito de ser besta). O homem recebe a graça divina de se modelar, o que o legitima, em nível místico, a partilhar de apanágios divinos e ser árbitro e soberano artífice de si mesmo. Com essa dignidade humana vêm as tentativas de educar o homem renascentista em uma dada direção. Para tanto, ocorre uma intensificação da formação com o intento de que a escolha não seja vazia, mas, sim, resultado de uma vontade educada expressa em uma

⁴ PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. **Discurso sobre a Dignidade Humana**. Tradução de Maria de Lurdes Sirgado. Lisboa: Edições 70, 1989.

⁵ MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Maria Lucia Cumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁶ GREENE, Thomas. “The Flexibility of the Self in Renaissance Literature”. In: P. Demetz, T. Greene & L. Nelson Jr. (orgs.). **The Disciplines of Criticism. Essays in Literary Theory, Interpretation and History**. New Haven: Yale University Press, 1968.

eleição com formação maquinada da maneira mais plausível possível em direção à opção por Deus e, concomitantemente, pela redenção da proposta alternativa.

Já a *sprezzatura*, presente em todas as cortes europeias, não é simplesmente uma experiência ligada ao sujeito, não é unicamente um controle excessivo sobre si próprio, o que é danoso para o sujeito e para os outros; não é só uma forma de conduta despregada da virtude. Distante de ser entendida analiticamente como um rosto que é convertido em uma máscara, a *sprezzatura* é algo natural, lugar em que a arte nega a si própria e a natureza é rejeitada, evitando a rusticidade e a afetação, e fazendo com que o sujeito influencie e controle os outros. Destarte, o cortesão é transformado em um personagem persuasivo, comprometido em convencer um público específico: o príncipe.

Esse tipo de comportamento, esse ideal de conduta, que combina arte com natureza, autoriza a modelagem do engenho à natureza para além do seu *status quo* (genialidade). Palmilhando o caminho da *sprezzatura*, o cortesão deve evitar dois excessos: a afetação (excesso pela arte) e a rusticidade (excesso pela natureza). Nesse circuito, o riso funciona como uma conexão entre esses dois polos. No primeiro, o cortesão contraria a natureza e polícia o comportamento, enquanto no segundo procede com simplicidade e espontaneidade, que são inscrições já contidas no comportamento habitual do ser humano. Sem sombra de dúvidas, a *sprezzatura* é o argumento central que deve ser obrigatoriamente apreendido nos escritos de Castiglione como ponto de equilíbrio entre a arte e a natureza derivado no compósito arte/natureza e passível de ser situado entre as abordagens extremistas de Pico Della Mirandola e Erasmo de Rotterdam, que ao falarem da dignidade humana prezam, respectivamente, a prevalescência da arte sobre a natureza n' *O Discurso sobre a Dignidade Humana* e a sobrepujança da natureza sobre a arte n' *O Elogio da Loucura*⁷.

N' *Os Dois Corpos do Rei- um estudo sobre a Teologia Política Medieval*⁸, o historiador do direito, Kantorowicz, interpreta a relação entre natureza e arte como uma relação digna, que não admite qualquer construção verbal sobre a arte, que depende da experiência, sem que essa construção passe, antes, pela natureza. É nessa pegada que Kantorowicz demonstra que o direito divino se confunde com a natureza, assim como os significados de ser monarca, jurista e artista no período medieval. Nesse contexto, diferencia alguns tipos de realeza entre si, sem perder do horizonte as relações entre a Idade Média e o

⁷ ERASMO DE ROTTERDAM. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

⁸ KANTOROWICZ, Ernst Hartwig. **Os Dois Corpos do Rei- um estudo sobre a Teologia Política Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Renascimento: (1) reis consagrados pelos bispos e, conseqüentemente, posicionados entre Deus e os homens: rei pela natureza; (2) realeza centrada nos dois corpos do rei: o indestrutível (direito natural incorporado nas tradições comunitárias edificador de um corpo místico devedor de obediência) e o destrutível (corpo humano marcado pela debilidade física); (3) realeza alicerçada na lei divina como derivação do modelo anterior; e (4) a realeza centralizada no homem.

Diante de tantas questões, Castiglione se pergunta: como seria o perfeito cortesão? Segundo ele, ser cortesão implica ser ocidental e aceitar a cortesania como um estilo de vida independentemente de ser um nobre de estirpe ou um espírito receptivo das sementes da graça. Por conseguinte, não é apenas aquele que foi bem educado e vem de uma ascendência nobre reconhecida, mas, sim, aquele que teve a semente depositada por Deus. Persuadido pela mística, Castiglione flexibiliza o argumento, ressaltando o universal com a ideia de que o cortesão pode nascer em qualquer classe social, embora Dom Gaspar, homem do povo, seja um exemplo atípico frente à maioria dos cortesões que têm a sua procedência na nobreza tradicional.

Já o projeto de educação é compreendido por Castiglione como um meio para alcançar esse propósito (estilo de vida), lembrando que a dimensão aristotélica enfatiza a possibilidade de se chegar à corte somente pela educação e pelo esforço (mérito). Essa pedagogia recusa a formação do cortesão como cidadão de uma corte ao prepará-lo para transitar em todos os níveis e em qualquer corte europeia como cosmopolita, homem universal, que impressiona pela sua destreza física e intelectual em inúmeras atividades, a saber: o conhecimento da música; das letras (cultivo da erudição); da poesia; dos discursos amorosos; das armas e dos cavalos etc.

Trata-se de uma enciclopédia ambulante excelente dentre todos e em todas as atividades, em que manifesta um controle polimorfo e não especialista, sem perder de vista a sua postura de converter a si próprio em uma obra de arte, bem como a *sprezzatura* consubstanciada aqui na necessidade vital de esconder o esforço, uma vez que exhibir o talento ou o excesso de arte significa pecar por afetação ou requinte. Eis o produto final do manual de etiqueta, que foi entronizado pelo cortesão e transmitido pedagogicamente ao príncipe, tal como compreendido pelo próprio cortesão. Para efeitos ilustrativos, não é demais recordar, que Simmel, ao falar da sociabilidade, considerava a etiqueta como um arsenal do rei de França.

O cortesão surge em Castiglione como um educador que articula a retórica e a filosofia moral, sabendo desviar-se dos excessos com o propósito de confeccionar, da maneira mais graciosa possível, a educação do príncipe no controle do seu deslocamento subjetivo entre a natureza e a arte (manuseio da *sprezzatura*) e nas lides das virtudes cardeais, dentre as quais: magnanimidade; generosidade; força; justiça; modéstia; bondade; prudência; temperança; magnificência; honra; mansuetude; simpatia e afabilidade (CASTIGLIONE, 1997: 283-284). O cortesão distingue-se significativamente do adulator, que está mais preocupado com os seus interesses pessoais, pouco se importando caso o príncipe venha a escolher o caminho certo ou errado nas suas decisões; com isso, o bajulador pactua com as maiores barbáries, desde que elas não firam os seus interesses.

Essas virtudes que estão no cortesão são transferidas para o príncipe através de um processo pedagógico doce e não escolástico, sendo a prudência a responsável pela escolha do caminho e a honra entendida como a principal de todas as virtudes cardeais. Junto com a filosofia moral e a retórica, elas aparecem como construtoras de uma comunidade sadia. Com foros de filósofo e capaz de adquirir a certeza de que o príncipe vai agir com essas virtudes, o cortesão pode até decifrar o futuro do reino na medida em que tem um caráter público e um relacionamento muitíssimo estreito com o príncipe, desde então plasmado em palavras e atos pelo cortesão como se fosse um elemento mudo. Enfim, *sprezzatura* e virtudes se combinam na figura do cortesão, que incorpora as virtudes morais como uma cartilha de conduta a ser empregada pelo príncipe por intermédio da *sprezzatura*, comportamento que tem um pouco de natureza e arte, afastando-se dos dois polos.